



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

KAROLINE ESPÍNDOLA

**VARIANTES LEXICAIS DE *MANCO* E *PERNETA* NO NORDESTE DO
BRASIL – CONTRIBUIÇÕES DO ALiB**

FLORIANÓPOLIS

2019

KAROLINE ESPÍNDOLA

**VARIANTES LEXICAIS DE *MANCO* E *PERNETA* NO NORDESTE DO
BRASIL – CONTRIBUIÇÕES DO ALiB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Letras da Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito para a obtenção do título
de Bacharel em Letras – Língua Portuguesa e
Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Felício Wessling Margotti

FLORIANÓPOLIS

2019

KAROLINE ESPÍNDOLA

**VARIANTES LEXICAIS DE *MANCO* E *PERNETA* NO NORDESTE DO
BRASIL – CONTRIBUIÇÕES DO ALiB**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Florianópolis, 03 de julho de 2019.

A banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Izabel Christine Seara – UFSC

Presidente

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti – UFSC

Orientador

Prof. Dr. José Ernesto de Vargas – UFSC

Prof. Dr. Sandro Braga – UFSC (Suplente)

Aos meus pais José e Jane
(*in memoriam*) e aos meus
irmãos Cláudio, Cristina,
Cirlene, Andreza e Juliana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vida, saúde e força para conseguir concluir meus objetivos.

Agradeço também a minha família, amigos e namorado por todo amor, carinho, confiança e por estarem sempre ao meu lado.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina por oferecer um curso de excelente qualidade em que pude desenvolver-me pessoal e profissionalmente.

Agradeço infinitamente ao meu orientador Prof. Dr. Felício Wessling Margotti por sua orientação, paciência, confiança, dedicação e todo conhecimento a mim transmitidos.

Agradeço às minhas colegas do projeto ALiB Amanda e Renata por cada ensinamento e experiências compartilhados.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que de alguma maneira ajudaram a tornar possível este trabalho.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	- 11 -
2	REVISÃO DA LITERATURA	- 14 -
2.1	Língua, dialeto, variedade e variação	- 14 -
2.2	Dialetologia	- 15 -
2.3	O projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB	- 17 -
2.3.1	Objetivos	- 17 -
2.3.2	Comitê Nacional	- 18 -
2.3.3	Rede de Pontos	- 18 -
2.3.4	Informantes	- 19 -
2.3.5	Questionários	- 19 -
2.4	O léxico	- 19 -
3	METODOLOGIA	- 21 -
3.1	Corpus	- 21 -
3.2	Localidades.....	- 21 -
3.3	Perfil dos informantes	- 22 -
3.4	Cartas.....	- 23 -
4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS CARTAS LEXICAIS	- 25 -
4.1	Questão 114: [Como se chama] a pessoa que não tem uma perna?	- 25 -
4.2	Questão 115: [como se chama] a pessoa que puxa de uma perna?	- 31 -
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	- 37 -
	REFERÊNCIAS	- 38 -

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos informantes	- 23 -
Tabela 2 – Produtividade das variantes para pernetá na Região Nordeste	- 25 -
Tabela 3 – Agrupamento das variantes para pernetá na Região Nordeste	- 26 -
Tabela 4 – Distribuição das variantes para pernetá por faixa etária na Região Nordeste	- 29 -
Tabela 5 – Distribuição das variantes para pernetá por sexo na Região Nordeste	- 30 -
Tabela 6 – Produtividade das variantes para manco na Região Nordeste	- 31 -
Tabela 7 – Agrupamento das variantes para manco na Região Nordeste	- 32 -
Tabela 8 – Distribuição das variantes para manco por faixa etária na Região Nordeste	- 35 -
Tabela 9 – Distribuição das variantes para manco por sexo na Região Nordeste	- 36 -

-

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa das localidades da região Nordeste	- 22 -
Figura 2: Carta diatópica de pernetá na Região Nordeste	- 27 -
Figura 3: Carta de arealidade gradual de aleijado na Região Nordeste	- 28 -
Figura 4: Carta diatópica de manco na Região Nordeste	- 33 -
Figura 5: Carta de arealidade gradual de manco na Região Nordeste	- 34 -

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho foi apresentar as variantes lexicais para duas perguntas documentadas pelo Atlas Linguístico do Brasil – ALiB na região Nordeste do Brasil. As variantes lexicais pesquisadas representam as respostas dadas pelos informantes às perguntas de números 114 e 115 do Questionário Semântico-Lexical (QSL), no campo semântico “Corpo humano”: “[Como se chama] a pessoa que não tem uma perna?” e “[Como se chama] a pessoa que puxa de uma perna?”, respectivamente. Entre os objetivos deste estudo, buscou-se descrever a realidade linguística do Brasil no que diz respeito às diferenças lexicais, considerando a perspectiva da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1996; CARDOSO, 2010), bem como interpretar melhor as variedades dialetais existentes no Brasil. Além de registrar diferentes denominações para o mesmo referente, também é possível identificar eventuais processos de mudança linguística em curso, considerando as dimensões diasssexual e diageracional. Após o levantamento dos dados, foram elaboradas cartas linguísticas, utilizando o programa SGVCLin (2014), em que foi possível observar o predomínio das variantes *aleijado* e *deficiente* como respostas à pergunta 114 do QSL e *manco* e *coxo* para a pergunta 115 também do QSL, na região Nordeste do país.

Palavras-chave: Variação lexical. Perneta. Manco. Nordeste. ALiB.

ABSTRACT

The main objective of this work was to present the lexical variants for two questions documented by the Linguistic Atlas of Brazil - ALiB in the Northeast region of Brazil. The lexical variants researched represent the responses given by the informants to the questions numbers 114 and 115 of the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL), in the semantic field "Human body": "The person who does not have a leg?" And "The person who pulls of a leg? ", respectively. Among the objectives of this study, we sought to describe the linguistic reality of Brazil with regard to lexical differences, considering the perspective of Geuristics Pluridimensional (THUN, 1996, CARDOSO, 2010), as well as to better interpret the dialectal varieties existing in Brazil. In addition to registering different denominations for the same referent, it is also possible to identify eventual linguistic change processes in progress, considering the diasgene and diagerational dimensions. After the data collection, linguistic charts were elaborated using the SGVClin program (2014), where it was possible to observe the predominance of the *aleijado* and *deficiente* variants as answers to question 114 of the QSL and *manco* and *coxo* to question 115 also of QSL, in region of the country.

Keywords: Lexical variation. *Perneta*. *Manco*. Northeast. ALiB

Para compreendermos melhor nossa língua materna, é necessário reconhecer que há muitas formas de dizer a mesma coisa, o que nos revela o caráter heterogêneo da língua. Por exemplo: um nativo de Florianópolis não fala da mesma forma que um carioca, um morador da zona rural não fala da mesma forma que um morador da cidade etc. Às diferentes formas de dizer a mesma coisa na língua dá-se o nome de variantes. Em seu livro *Para conhecer Sociolinguística*, Coelho et al. (2015, p.7) afirmam que “numa língua não existe apenas uma forma para cada significado. O que existe são variantes, um conjunto de opções do qual retiramos as formas que empregamos ao falar e ao escrever”. Ou seja, é necessário reconhecer que a língua varia e muda com o passar do tempo, o que a torna heterogênea. Para tentar desvendar o comportamento de fenômenos variáveis dentro da própria língua e fora dela, em seu contato com a sociedade, temos a Dialectologia e a Sociolinguística. Esse campo de estudos é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade. No entanto, não devemos confundir Sociolinguística com Dialectologia, pois esta última surgiu muito antes, nos fins do século XIX, e “já interpretava os fatos linguísticos segundo diferenças sociais, de nível de escolaridade, etárias, de sexo etc. A Dialectologia, portanto, já há muito tempo usa de recursos interpretativos que passaram a ser posteriormente definidos como da Sociolinguística” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 18).

A variação linguística “é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (COELHO et al., 2015, p. 16). Além disso, a variação é parte da essência das línguas naturais e não compromete a comunicação entre os falantes, tanto é que as pessoas, mesmo falando de formas diferentes a mesma língua, conseguem se entender relativamente bem. A variação pode ocorrer em todos os níveis linguísticos. A variação interna nos diferentes níveis estruturais e no léxico de uma língua, tais como os níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico-lexical, discursivo tem também motivações fora dela, associadas a aspectos regionais, a estratos sociais e ao estilo ou registro, na fala e na escrita, atestando assim a heterogeneidade da língua.

Assim, sabendo da importância da variação linguística e que “a língua não é somente um complexo de variedades regionais, mas também uma superposição de variedades sociais” (MARGOTTI, 2002, p. 3), busco, neste trabalho, pesquisar as variantes lexicais dos lexemas representados pelos itens *perneta e manco*, utilizando

como *corpus* as entrevistas do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, na região Nordeste do país.

Dentre os questionários disponíveis para pesquisa, escolhi o semântico-lexical (QSL) devido à grande importância que o léxico possui em uma comunidade, pois, de acordo com RAZKY (2013, p. 247 - 249), “graças à mobilidade comunicativa dos falantes, é possível falar hoje de mobilidade lexical, fluxo lexical e contínuo lexical. De fato, o léxico é uma dimensão importante em que é possível mapear a variabilidade e medir sua produtividade”. Dessa forma, o léxico vem sendo estudado tanto pela perspectiva diacrônica quanto pela perspectiva sincrônica. Além disso, os estudos lexicais contribuíram para a elaboração de dicionários de língua geral, surgindo, assim, as disciplinas de Lexicologia e Lexicografia, bem como colabora para a elaboração de glossários e banco de dados terminológicos, objeto das disciplinas de Terminologia e Socioterminologia.

Antes de falar um pouco mais sobre a pesquisa em questão, gostaria de fazer um breve resumo sobre o que vem a ser o ALiB. Concebido em 1996 no Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado na Universidade Federal da Bahia, o Atlas Linguístico do Brasil tem como propósito a elaboração de um atlas nacional no que tange à língua portuguesa e, para isso, conta com o apoio de várias universidades, sendo, assim, dividido em equipes regionais. São elas: Regional Pará, Regional Ceará, Regional Bahia, Regional Mato Grosso do Sul, Regional Paraná e Regional Rio Grande do Sul. Informações adicionais sobre o ALiB, objetivos e composição do grupo de pesquisa serão apresentadas em 2.3 e respectivas seções.

Os principais objetivos do ALiB são o de descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, considerando a perspectiva da Geolinguística; oferecer aos estudiosos de várias áreas subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil; e contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica (CARDOSO, 2013, p. 32, 33).

Isso posto, visando aumentar meus conhecimentos nos estudos lexicais e ajudar a colaborar para a pesquisa dialetológica sobre o português do Brasil, optei por estudar este assunto no qual farei um levantamento e análise dos dados lexicais do ALiB, relativamente às seguintes questões do Questionário Semântico-Lexical (QSL), no

campo semântico Corpo humano: 114) [Como se chama] a *pessoa que não tem uma perna?* e 115) [Como se chama] a *pessoa que puxa de uma perna?*, na região Nordeste do Brasil.

Este estudo teve por objetivo principal analisar e cartografar as variantes lexicais existentes no português falado na região Nordeste do Brasil. Para isso foram analisados áudios e transcrições de todas as entrevistas do ALiB feitas nessa região.

2.1 LÍNGUA, DIALETO, VARIEDADE E VARIAÇÃO

Para podermos nos expressar e nos comunicar, utilizamos a língua e a utilizando acabamos projetando nossa cultura nela, “imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que nos deparamos” (BRANDÃO, 1991, p. 5). Dessa forma, quando falamos, transmitimos ao outro, além da mensagem em si, algumas informações a nosso respeito. Por exemplo, o local onde vivemos, nosso grau de escolaridade, gênero, faixa etária, profissão, entre outros. E essa heterogeneidade dos falantes reflete na língua, gerando, assim, a variedade linguística. Porém, o estudo da variação é antigo. Os gregos, por exemplo, “distinguiam quatro variantes regionais de sua língua – o eólico, o jônico, o dórico e o ático. E a partir do século IV a.C., adotaram, com base neste último, a koiné dialektos, ou ‘língua comum’, como meio de intercomunicação” (BRANDÃO, 1991, p. 7).

Apesar de essa noção de variedade ser antiga, o estudo das variedades (ou dialetos) só veio a formalizar-se no século XIX, mais precisamente na França, quando Jules Gilliéron, fundador da Geografia Linguística, iniciou os preparativos para a elaboração do *Atlas linguístico da França – ALF*. Uma das principais preocupações de Gilliéron eram as questões dialetais.

Para entendermos melhor este trabalho, é necessário explorarmos alguns conceitos. São eles: língua, dialeto, variedade e variação.

A língua é um sistema organizado em que os falantes se comunicam e se entendem. Dessa forma, não importa a idade, sexo ou onde moram, os falantes simplesmente falam e se entendem. No entanto, alguns fatores presentes na sociedade podem influenciar essa língua e fazê-la variar. São esses fatores que influenciam a fala das pessoas gerando, assim, as variedades.

Damos o nome de variedade à fala característica de determinado grupo. A partir de critérios geográficos, podemos isolar, por exemplo, a variedade gaúcha [...] A partir de critérios sociais, podemos pensar, por exemplo, na variedade dos falantes mais escolarizados [...] Podemos ainda combinar diferentes critérios para chegar às variedades (COELHO et al., 2015, p. 14 e 15).

Segundo Coelho et al. (2015, p. 15), “dialeto e falar são sinônimos de variedade. É importante observar que dialeto, aqui, não corresponde a uma variedade ‘inferior’ ou

estigmatizada de uma língua, mas sim [...] ao falar característico de determinado grupo social e/ou regional”.

A partir dessa heterogeneidade da língua, é que teremos o que chamamos de variação linguística, que nada mais é do que as formas existentes na língua que possuem o mesmo significado. Essas formas serão chamadas de variantes se cumprirem dois requisitos: “1) Elas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto; 2) Elas devem manter o mesmo significado referencial/representacional” (COELHO et al., 2015, p. 17).

Quando falamos em variantes, é importante lembrarmos das diferenças entre as variantes padrão e não padrão. A primeira pertence às variedades cultas da língua, é aquela variante de maior prestígio e mais conservadora. Já a variante não padrão, por ser em geral mais atual e inovadora, muitas vezes costuma ser estigmatizada por uma parcela da população, gerando assim o chamado preconceito linguístico.

É importante salientar que, ao contrário do que possa parecer, a variação linguística não acontece por acaso. “Existem regras que a regem – e é por isso que os falantes se compreendem entre si, mesmo que sua fala seja variável”. Além disso, temos os condicionadores linguísticos e sociais, que nada mais são do que “forças dentro e fora da língua que fazem um grupo de pessoas ou um único indivíduo falar da maneira como fala”.

Esses condicionadores são divididos em dois grupos: o primeiro chamado de condicionadores linguísticos por tratar de fatores internos da língua, tais como: variação lexical (na qual se baseia este trabalho); variação fonológica; variação morfofonológica, morfológica e morfossintática; variação sintática e variação discursiva. Já o segundo, chamado de condicionadores extralinguísticos, tratam de fatores externos à língua. São eles: variação regional ou geográfica; variação social; variação estilística e variação na fala e na escrita.

2.2 DIALETOLOGIA

Em seu texto *A perspectiva da Geolinguística Pluridimensional*, Margotti (2002, p. 1) afirma que “no curso da história, a dialetologia tem-se incumbido de descrever e situar os usos em que uma língua se diversifica, não só no espaço geográfico, mas também em sua distribuição sociocultural e cronológica”. Assim, para entendermos melhor a Geolinguística, faz-se necessária a definição de alguns conceitos básicos. São eles: fatores extralinguísticos, tais como espaço (variação diatópica), idade (variação

diageracional), gênero (variação diagenérica), escolaridade ou classe social (variação diastrática), estilos de fala ou escrita (variação diafásica), entre outras dimensões.

Sobre a perspectiva diatópica, devemos ter em mente que “a Dialectologia busca, prioritariamente, estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas” (CARDOSO, 2002, p. 1). Ou seja, os estudos diatópicos levam em conta a distribuição geográfica dos falantes, pois assim conseguimos “identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa pelo modo como ela fala” [...] (COELHO et al., 2015, p. 38). Para esta pesquisa em questão, a perspectiva diatópica se faz necessária, pois assim podemos analisar se a variação nos itens lexicais estudados realmente ocorre devido ao “fato de que falantes de localidades diferentes apresentem dialetos (ou seja, variedades) diferentes de uma mesma língua” (COELHO et al., 2015, p. 38).

Já a questão da idade (variação diageracional) aparece em Rousselot em 1891, mas foi somente no fim do século XX que a cartografia linguística passou a documentar os fatos da língua de acordo com a faixa etária dos falantes. A variação linguística atrelada à idade dos falantes tem despertado muitas reflexões e estudos entre os sociolinguistas do mundo inteiro, porém, “estudos têm mostrado que ela não pode ser estudada sem que se leve em conta uma correlação entre indivíduo e comunidade “ [...] em suas dimensões externas como “o nível de escolaridade, o nível socioeconômico e o sexo/gênero dos falantes” (COELHO et al., 2015, p. 45).

Outro ponto que sempre vem chamando a atenção dos estudiosos é o sexo/gênero dos indivíduos (variação diagenérica). Alguns estudos, como os de Scherre sobre concordância nominal, já provaram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens. Assim, elas costumam utilizar as variantes mais aceitas pela sociedade, as que têm maior prestígio. No estudo mencionado, “as mulheres realizaram concordância nominal padrão em 65% das ocorrências, enquanto os homens o fizeram em 46% dos dados” (COELHO et al., 2015, p. 44).

A condição social dos falantes, tais como a escolaridade ou a classe social (variação diastrática) também é levada em consideração nos estudos dialetológicos, pois, por terem mais acesso à educação e à norma padrão da língua, os falantes mais escolarizados “difícilmente produzirão formas como ‘nós vai’ ou ‘a gente vamos’, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados”. O estudo de Scherre, realizado em

1996 sobre a concordância nominal de número na fala carioca, mostra que “os falantes que haviam completado quatro anos de escolaridade realizavam a concordância padrão em 40% das ocorrências. Essa taxa aumentava para os falantes com oito anos de escolarização: 57% [...] e 73% nos falantes com onze anos de escolarização” (COELHO et al., 2015, p. 41).

2.3 O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL – ALiB

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB tem por meta a realização de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa.

O Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, manifestava interesse na elaboração de um atlas linguístico do português brasileiro. Devido às dificuldades encontradas, os dialetólogos brasileiros começaram então o trabalho de mapeamento linguístico do Brasil pela realização de atlas regionais.

Durante o III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística (III CIDS), realizado em Londrina, em outubro de 2014, ocorreu o lançamento dos dois primeiros volumes do ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL, publicados pela EDUEL. O volume I é o de Introdução e o Volume II apresenta 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais de estado.

2.3.1 Objetivos

O Projeto ALiB baseia-se na perspectiva da Geolinguística contemporânea. Assim, leva em consideração a variação espacial ou diatópica, bem como os fatores de natureza social com objetivos bem definidos e assim elencados:

1. Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
3. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.
4. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia,

etc. – de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.

5. Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
6. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.
(PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/content/objetivos>>. Acesso em: 20 maio 2019).

2.3.2 Comitê Nacional

O Comitê Nacional é o órgão que dirige e coordena todas as atividades do Projeto ALiB.

O Comitê é, assim, formado por uma Diretora Presidente, Jacyra Andrade Mota, uma Diretora Executiva, Silvana Soares Costa Ribeiro e, atualmente, por 11 Diretores Científicos. São eles: Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará), Aparecida Negri Isquerdo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Conceição Maria de Araújo (Universidade Federal do Maranhão), Fabiane Cristina Altino (Universidade Estadual de Londrina), Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina), Marcela Moura Torres Paim (Universidade Federal da Bahia), Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal da Paraíba), Marilúcia Barros de Oliveira (Universidade Federal do Pará), Regiane Coelho Pereira Reis (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Valter Pereira Romano (Universidade Federal de Lavras), Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina).

2.3.3 Rede de Pontos

Para a escolha das redes de pontos do ALiB foram levados em conta fatores demográficos, históricos e culturais, bem como a extensão de cada região. Foram escolhidas 250 localidades em todo o país, desde cidades grandes e, inclusive, todas as capitais, com exceção de Brasília (Distrito Federal) e Palmas (Tocantins), devido à

idade dessas capitais que, por serem mais novas do que as demais capitais do país e ainda por estarem em formação, não possuem informantes nascidos nelas com todos os perfis previstos no projeto de pesquisa.

2.3.4 Informantes

Os 1100 informantes previstos para a amostra foram escolhidos de acordo com as variáveis sociais tais como idade (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), sexo (masculino e feminino) e escolaridade fundamental. Nas capitais foram acrescentados mais quatro informantes de nível superior, observadas as mesmas correlações de sexo e faixa etária. Além disso, são moradores da localidade pesquisada e de pais também da área.

2.3.5 Questionários

Em relação aos inquéritos linguísticos, decidiu-se pela aplicação de três tipos de questionários direcionados, especificamente, cada um deles, para os aspectos: “(a) fonético-fonológico - 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; (b) semântico-lexical - 202 perguntas; e (c) morfossintático - 49 perguntas”

“A esses três tipos de questionários, acrescentam-se: questões de pragmática (04), temas para discursos semidirigidos - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal -, perguntas de metalinguística (06) e um texto para leitura - a ‘Parábola dos sete vimes’” (PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/content/question%C3%A1rios>>. Acesso em: 20 maio 2019).

2.4 O LÉXICO

O léxico pode dizer muito sobre determinada pessoa ou comunidade, já que é também através do léxico que se reflete boa parte da cultura de uma sociedade. Dessa maneira, o léxico é entendido como “conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.” (DUBOIS et al., 2006, p. 364 APUD RAZKY, 2013 p.248).

A dimensão lexical é relevante para os estudos da língua, tanto é que temos as disciplinas de Lexicologia e Lexicografia que se apropriam desse objeto de estudo. Além disso, foi devido “à evolução teórico-metodológica dos estudos sobre o léxico que

a Dialetoologia e a Geografia Linguística se mantêm vivas até hoje” (RAZKY, 2013, p. 249).

Por refletir os aspectos culturais de uma sociedade, o léxico está sempre se transformando. Para mostrar a variedade lexical existente no Nordeste do Brasil e a importância dos estudos lexicais é que busco apresentar neste trabalho um pouco do que se estuda em pesquisas dessa área, pois, mais do que na escrita, é na língua falada que podemos comprovar, de fato, as variações e mudanças que ocorrem através do tempo.

3 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho baseia-se na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1996; CARDOSO, 2010), que leva em conta novos parâmetros de análise. São eles: o diageracional, o diagenérico ou diassexual, o diastrático e o diafásico, entre outras dimensões, tais como a diacontatual, a dialingual etc.

3.1 CORPUS

Para o levantamento dos dados utilizei como *corpus* os dados do ALiB – Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014a, 2014b), na região Nordeste do país. Para identificar e descrever as variantes lexicais das perguntas 114 e 115 [Como se chama] a *pessoa que não tem uma perna?* e [Como se chama] a *pessoa que puxa de uma perna?* respectivamente, foram analisados áudios e transcrições das entrevistas feitas com 312 informantes, de 78 localidades.

3.2 LOCALIDADES

O corpus analisado é referente às 78 localidades da região Nordeste do Brasil. São elas:

Maranhão: Turiaçu, São Luís, Brejo, Bacabal, Imperatriz, Tuntum, São João dos Patos, Balsas, Alto Parnaíba;

Piauí: Teresina, Piripiri, Picos, Canto do Buriti, Corrente;

Ceará: Camocim, Sobral, Fortaleza, Ipu, Canindé, Crateús, Quixeramobim, Russas, Limoeiro do Norte, Tauá, Iguatu, Crato;

Rio Grande do Norte: Mossoró, Angicos, Natal, Pau dos Ferros, Caicó;

Paraíba: Cuité, Cajazeiras, Itaporanga, Patos, Campina Grande, João Pessoa;

Pernambuco: Exu, Salgueiro, Limoeiro, Olinda, Afrânio, Cabrobó, Arcoverde, Caruaru, Recife, Floresta, Garanhuns, Petrolina;

Alagoas: União dos Palmares, Santana do Ipanema, Arapiraca, Maceió;

Sergipe: Propriá, Aracaju, Estância;

Bahia: Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Seabra, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Salvador, Valença, Jequié, Caetité, Carinhanha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz Cabralia, Caravelas.

A Figura 1 mostra no mapa essas localidades.

Figura 1 – Mapa das localidades da região Nordeste



Fonte: dados do ALiB

3.3 PERFIL DOS INFORMANTES

O *corpus* utilizado conta com quatro entrevistas em 78 localidades do interior, totalizando 312 informantes, divididos em duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, de ambos os sexos e de ensino fundamental (Tabela 1). Além disso, foi levado em conta o contexto social em que cada informante está inserido, com endereço e profissão definidos. Nas capitais, também foram entrevistados quatro informantes de nível superior. Porém, para este estudo, foram utilizadas apenas as respostas dos quatro primeiros informantes que possuem nível fundamental de escolaridade.

Tabela 1 – Perfil dos informantes

Informante	Escolaridade	Faixa etária	Sexo
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: elaborada pela autora com base nos dados do ALiB

3.4 CARTAS

Para gerar as cartas linguísticas foi necessário, antes de tudo, coletar os dados utilizando as transcrições e os áudios, estes últimos apenas quando necessário. Para que o trabalho ficasse mais organizado, cada dado coletado foi colocado em uma planilha do *Excel* evitando, assim, que se perdesse alguma informação importante. Após o levantamento dos dados e utilizando o programa *SGVCLin - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas* (SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2014), foram então criadas as cartas linguísticas.

Para a criação das cartas, foram levadas em conta as três primeiras respostas de cada informante. Nos casos em que as entrevistas não estavam transcritas, foi preciso recorrer aos áudios. É importante salientar que algumas respostas não foram obtidas, ou porque o informante não lembrou, ou porque ele não sabia ou porque o áudio estava prejudicado. Nesses casos, foi utilizada a denominação para respostas prejudicadas (RP). Em alguns casos, o informante lembrou da resposta apenas quando a pergunta foi retomada, por isso foi importante a verificação ao fim de cada entrevista.

As cartas apresentadas na sequência são de dois tipos: 1) Cartas diatópicas, onde é possível observar, através dos gráficos em formato de pizza, as variantes encontradas em cada região; 2) Cartas de arealidade gradual, onde é possível observar a intensidade em que a variante mais recorrente é produzida. Esse tipo de carta é representada por

uma escala de cores, em que a mais escura representa 100% e a mais clara, 25%. Quando a região não é representada pela cor é porque não teve nenhuma ocorrência.

Assim, para cada item lexical pesquisado neste trabalho, teremos 2 cartas: uma diatópica e uma de arealidade gradual. Além das cartas, algumas tabelas também foram elaboradas, para assim podermos analisar a produtividade das variantes referentes ao sexo e idade dos informantes.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS CARTAS LEXICAIS

Nesta seção, serão apresentadas a descrição e a análise das variantes registradas para as duas questões do QSL em estudo. A começar pela pergunta de número 114: [Como se chama] a *pessoa que não tem uma perna*? Seguida da pergunta 115: [Como se chama] a *pessoa que puxa de uma perna*?

4.1 QUESTÃO 114: [COMO SE CHAMA] A PESSOA QUE NÃO TEM UMA PERNA?

Para a Questão 114 foram obtidas 416 respostas e os resultados podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2 – Produtividade das variantes para *perneta* na Região Nordeste

Variantes	Número de ocorrências	%
aleijado / aleijada / aleijado da perna / lêjado	161	38,70%
deficiente / deficiente de uma perna / deficiente físico	75	18,03%
outras: amputada / amputou / capenga/ caxingo / caxingó / cambota / concho / concho de uma perna / conxom / coen da perna / manca / manco / paralítico / paraplégico / perneta / pirata / saci / saci pererê	57	13,70%
RP	35	8,41%
só tem uma perna / tem uma perna cortada / sem perna	35	8,41%
cotó / toco	31	7,45%
coxo / coxó / coxolé	22	5,29%
Total	416	

Fonte: elaborada pela autora

A Tabela 2 traz a produtividade das variantes para *perneta* registradas na região Nordeste. Como podemos observar, o número de respostas é maior que o número de informantes. Isso ocorre devido ao fato de alguns informantes darem mais de uma resposta. Dentre as 416 respostas, a variante *aleijado* e as variantes a ela agrupadas *aleijada*, *aleijado da perna* e *lêjado* correspondem a 38,70% das respostas, sendo assim a mais recorrente. *Deficiente*, *deficiente de uma perna* e *deficiente físico* ficaram em segundo lugar com 18,03% das respostas. *Outras* (*amputada / amputou / capenga/ caxingo / caxingó / cambota / concho / concho de uma perna / conxom / coen da perna / manca / manco / paralítico / paraplégico / perneta / pirata / saci / saci Pererê*) obtiveram o total de 13,70% das respostas. Já as *respostas prejudicadas* (RP) tiveram um total de 8,41%. *Só tem uma perna*, *tem uma perna cortada* e *sem perna* também

obtiveram um total de 8,41%. *Cotó e toco*, com 7,45%, de um lado, e *coxo, coxó e coxolé*, com 5,29%, de outro, foram as variantes menos recorrentes na região Nordeste. Apesar de a resposta esperada ser *perнета*, observando os dados podemos notar que esta foi pouco produzida na região Nordeste. Com uma ocorrência tão pequena, apenas 3,60%, foi necessário agrupá-la em *outras*.

Para facilitar o estudo e a visualização das variantes nas cartas linguísticas, foi necessário agrupar as variantes encontradas na forma que segue na Tabela 3.

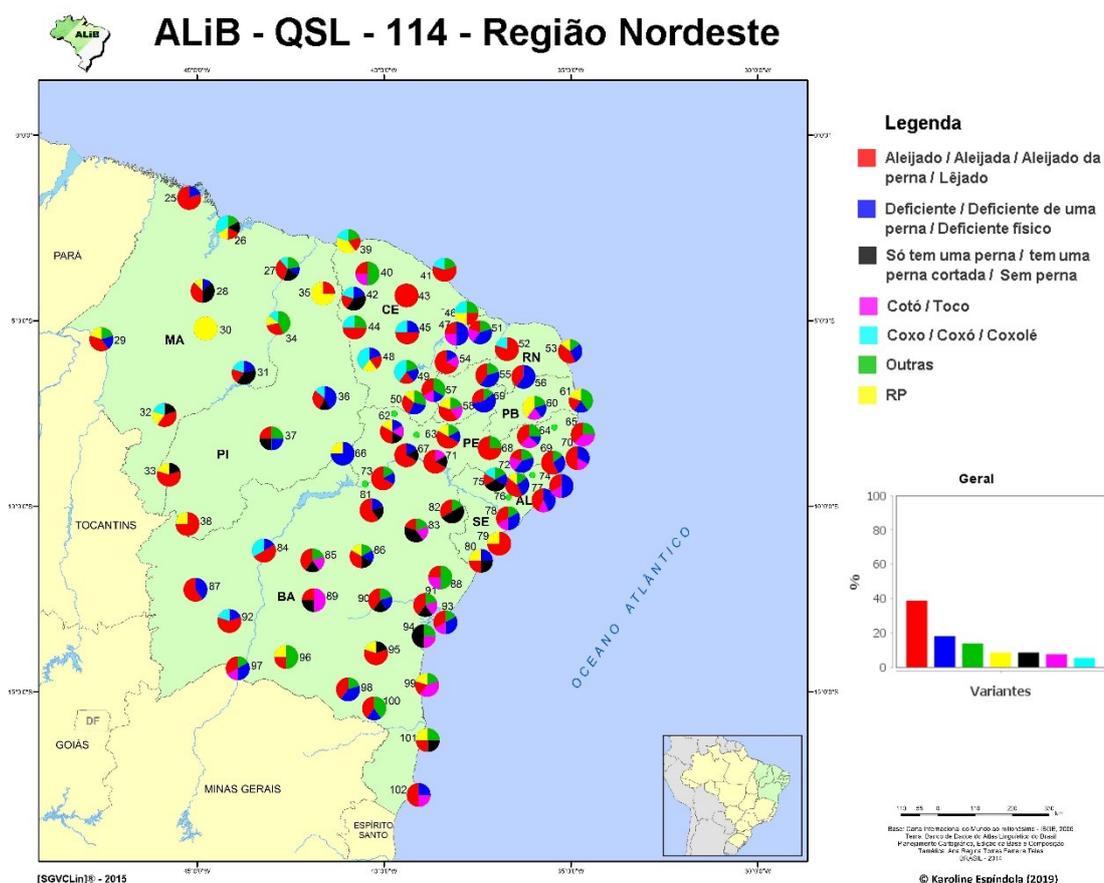
Tabela 3 – Agrupamento das variantes para perнета na Região Nordeste

Rótulos	Variantes agrupadas
aleijado	aleijado / aleijada / aleijado da perna / lêjado
deficiente	deficiente / deficiente de uma perna / deficiente físico
só tem uma perna	só tem uma perna / tem uma perna cortada / sem perna
cotó	cotó / toco
coxo	coxo / coxó / coxolé
outras	amputada / amputou / capenga/ caxingo / caxingó / cambota / concho / concho de uma perna / conxom / coen da perna / manca / manco / paralítico / paraplégico / perнета / pirata / saci / saci pererê
RP	não soube / não lembrou / item não obtido / pergunta não formulada / sem transcrição / sem áudio / áudio incompleto / áudio ruim

Fonte: elaborada pela autora

Com a elaboração das cartas linguísticas, fica mais fácil observar as variantes mais recorrentes na região estudada, pois, de acordo com MARGOTTI (2002) “através de um mapa linguístico é possível visualizar, simultaneamente, as variantes linguísticas do fenômeno focado relativamente ao espaço geográfico estudado, o que vale dizer de todas as variedades dialetais de uma determinada área”. Sendo assim, na Figura 2, é apresentada a Carta diatópica para a pergunta 114 do QSL (cf. Figura 2).

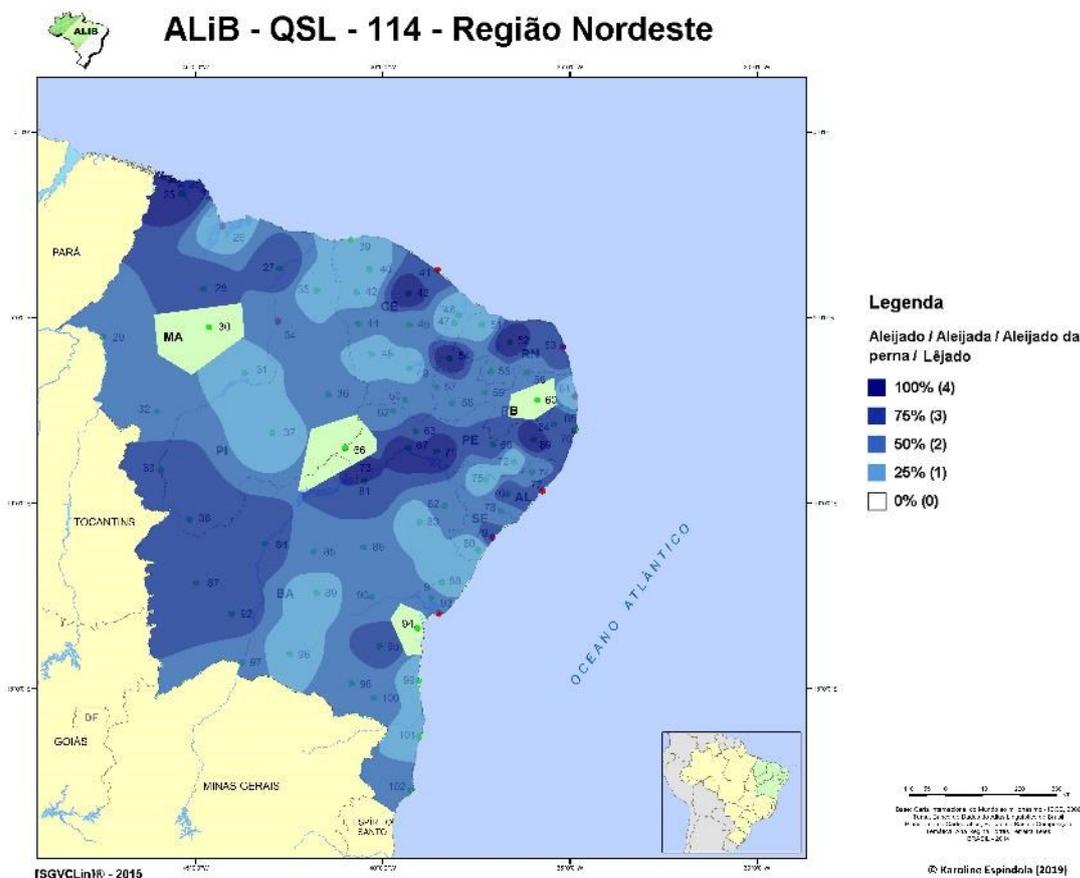
Figura 2 – Carta diatópica de **perнета** na Região Nordeste



Fonte: elaborada pela autora

Como mostra a Carta diatópica acima, e conforme detalhado anteriormente, as variantes mais encontradas na região Nordeste foram *aleijado* com 38,70% de registros e *deficiente* com 18,03%. Já as menos comuns foram *cotó* com 7,45% e *coxo* com 5,29% de ocorrências. Para uma análise mais detalhada da variante *aleijado*, temos a Carta por arealidade gradual (cf. Figura 3).

Figura 3 – Carta de arealidade gradual de aleijado na Região Nordeste



Fonte: elaborada pela autora

Analisando a Carta de arealidade gradual, fica visível que a variante *aleijado* predomina por quase toda região Nordeste. Sendo mais recorrente nos pontos 52 (Angicos – Rio Grande do Norte), 54 (Pau dos Ferros – Rio Grande do Norte), 67 (Cabrobó – Pernambuco), 71 (Floresta – Pernambuco), 73 (Petrolina – Pernambuco), entre outros. Por outro lado, essa variante não foi citada nenhuma vez nos pontos (localidades) 30 (Tuntum – Maranhão), 60 (Campina Grande – Paraíba), 66 (Afrânio – Pernambuco) e 94 (Valença – Bahia). Os quatro áudios da região Tuntum estavam prejudicados e esse é um dos motivos pelos quais essa variante pode não ter aparecido nessa localidade. Já em Campina Grande, apareceram as variantes *perneta*, *cotó*, *deficiente* e *RP*. Em Afrânio, apareceram *deficiente* e *RP*. E em Valença, foram registradas as variantes *só tem uma perna*, *capenga* e *outras*.

A distribuição das variantes designativas da “pessoa que tem uma perna só” (Questão 114 do QSL) por faixa etária é apresentada na Tabela 4.

Tabela 4 – Distribuição das variantes para *perneta* por faixa etária na Região Nordeste

Variantes	Número de ocorrências - Faixa I		Número de ocorrências - Faixa II	
	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem
aleijado / aleijada / aleijado da perna / lêjado	93	45,15%	68	32,38%
deficiente / deficiente de uma perna / deficiente físico	42	20,39%	33	15,71%
outras	28	13,59%	29	13,81%
RP	18	8,74%	17	8,10%
só tem uma perna / tem uma perna cortada / sem perna	15	7,28%	20	9,52%
cotó / toco	9	4,37%	22	10,48%
coxo / coxó / coxolé	1	0,49%	21	10,00%
Total	206		210	

Fonte: elaborada pela autora

Em relação à faixa etária dos informantes, temos na Tabela 4 alguns dados relevantes. *Aleijado* e *deficiente* são variantes mais faladas pelos mais jovens com 45,15% e 20,39% de ocorrências, respectivamente, contra 32,38% e 15,71% de ocorrências, respectivamente, entre os mais velhos. Já as variantes *só tem uma perna*, *cotó* e *coxo* são mais comuns nos os informantes de maior idade, com percentuais de 9,52%, 10,48% e 10,00% de ocorrências, respectivamente, contra 7,28%, 4,37% e apenas 0,49%, respectivamente, para os mais jovens. Já a variável *outras* e *RP* (respostas prejudicadas) não oscilaram muito, ficando o resultado praticamente igual nas duas faixas etárias, em torno de 13% para a primeira e de 8% para a segunda. Com um número tão baixo de ocorrências para *coxo* nos informantes da Faixa I, mais jovens, fica evidente que esta é uma variante típica dos mais velhos.

A distribuição das variantes designativas da “pessoa que tem uma perna só” (Questão 114 do QSL) por sexo é apresentada na Tabela 5.

Tabela 5 – Distribuição das variantes para **perneta** por sexo na Região Nordeste

Variantes	Número de ocorrências - Feminino		Número de ocorrências - Masculino	
	aleijado / aleijada / aleijado da perna / lêjado	72	36,18%	89
deficiente / deficiente de uma perna / deficiente físico	28	14,07%	47	21,66%
outras	27	13,57%	30	13,82%
RP	21	10,55%	14	6,45%
só tem uma perna / tem uma perna cortada / sem perna	22	11,06%	13	5,99%
cotó / toco	15	7,54%	16	7,37%
coxo / coxó / coxolé	14	7,04%	8	3,69%
Total	199		217	

Fonte: elaborada pela autora

Sobre a variável sexo, podemos observar que os homens tiveram um maior número de respostas, com 217 registros, contra 199 das mulheres, no total de 416 respostas. A variante *aleijado* é mais conhecida entre os homens, com 41,01% de registros, contra 36,18% para as mulheres. *Deficiente* e *outras* também foram mais recorrentes entre os homens, com 21,66% e 13,82% de registros, respectivamente. Mostrando que as mulheres realmente responderam menos do que os homens, temos os dados de *RP* em que as mulheres tiveram 10,55% de ocorrências contra 6,45% dos homens. Já as mulheres foram mais produtivas do que os homens na realização das variantes *só tem uma perna* e *coxo*, com 11,06% e 7,04% de ocorrências contra 5,99% e 3,69% dos homens, respectivamente. Já *cotó* quase não teve diferença, ficando em torno de 7% para homens e mulheres.

4.2 QUESTÃO 115: [COMO SE CHAMA] A PESSOA QUE PUXA DE UMA PERNA?

Para a Questão 115 foram obtidas 345 respostas e os resultados podem ser observados na Tabela 6.

Tabela 6 – Produtividade das variantes para *manco* na Região Nordeste

Variantes	Número de ocorrências	%
manco / manca / mancão / mancando / manquitolando / manquitório	115	33,33%
outras: bianco / canhoto / catrojado / caxenga de uma perna / caximba / caxinga / caxingando / caxingó / coem / conhem / conchô / conchô da perna/ cotó / enarco / narfo da perna/ perna curta / pernetta / perninha / puxa de uma perna / tá com defeito na perna / tem um desvio / troncho / vinte-nove-trinta	47	13,62%
coxo / coxa / coxé / coxéla / coxó/ coxolé	47	13,62%
RP	45	13,04%
aleijado / aleijadinho / aleijado da perna	44	12,75%
deficiente / deficiente físico / deficiente das pernas	30	8,70%
capenga / capemba	17	4,93%
Total	345	

Fonte: elaborada pela autora

A Tabela 6 mostra a produtividade das variantes para *manco* registradas na Região Nordeste, lembrando que o número de respostas é maior do que o número de informantes. Isso ocorre devido ao fato de alguns informantes darem mais de uma resposta e para o estudo terem sido consideradas até 3 respostas de cada informante. Dentre as 345 respostas, a variante *manco* e respectivas formas agrupadas *manco*, *manca*, *mancão*, *mancando*, *manquitolando* e *manquitório*, correspondem a 33,33% das respostas, sendo, assim, a mais recorrente. *Outras* (*bianco / canhoto / catrojado / caxenga de uma perna / caximba / caxinga / caxingando / caxingó / coem / conhem / conchô / conchô da perna/ cotó / enarco / narfo da perna/ perna curta / pernetta / perninha / puxa de uma perna / tá com defeito na perna / tem um desvio / troncho / vinte-nove-trinta*) obtiveram o total de 13,62% das respostas. *Coxo*, *coxa*, *coxé*, *coxéla*, *coxó* e *coxolé* também tiveram um total de 13,62%. Já *RP* teve 13,04% das ocorrências. *Aleijado*, *aleijadinho* e *aleijado da perna* 12,75%. *Deficiente*, *deficiente físico* e

deficiente de uma perna, diferente do que mostraram os dados para a pergunta 114, ficaram em penúltimo lugar com 8,70% das respostas. Já *capenga*, em último, teve um total de 4,93%.

Ao contrário de *perneta* que, devido à pouca produtividade entre os falantes, foi agrupada em *outras*, aqui, a resposta esperada, *manco*, ficou em primeiro lugar entre as respostas, mostrando-se a variante mais conhecida na Região Nordeste.

Na Tabela 7 é possível visualizar melhor a forma como as diferentes variantes foram agrupadas de modo a facilitar o estudo e a geração das cartas linguísticas.

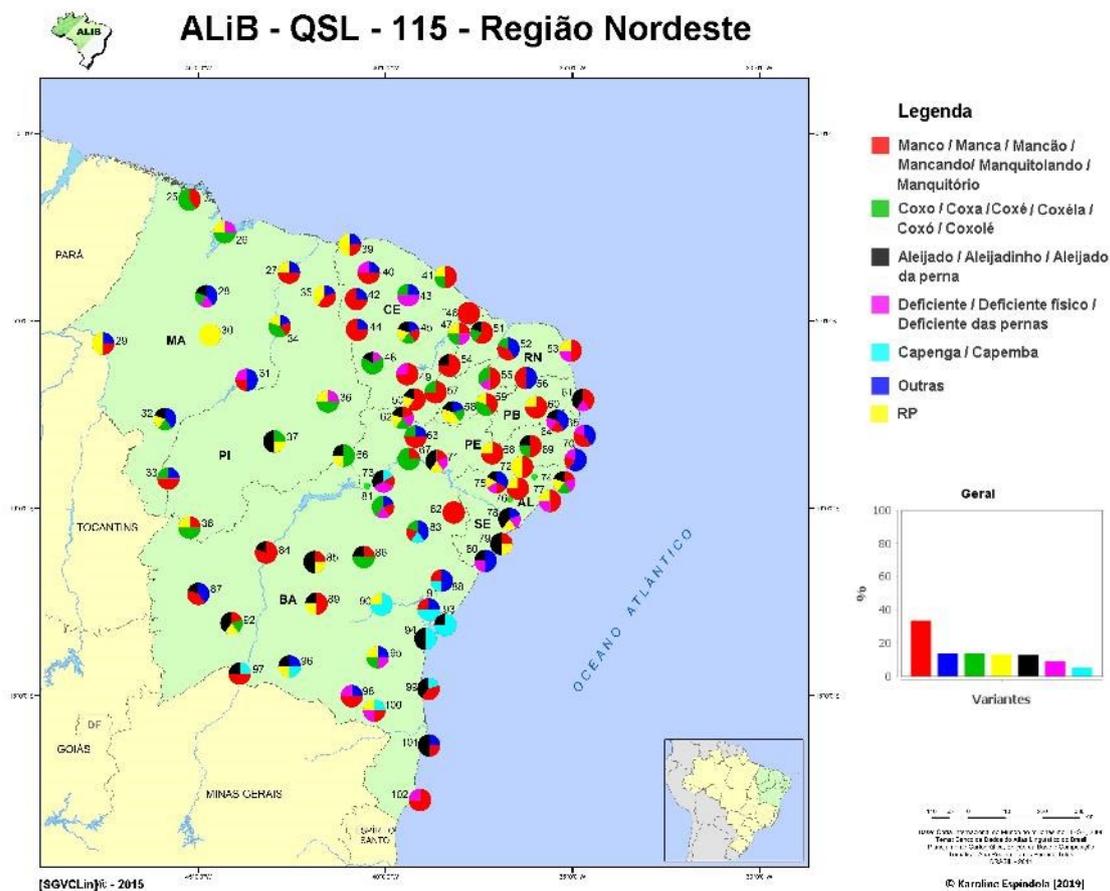
Tabela 7 – Agrupamento das variantes para **manco** na Região Nordeste

Rótulos	Variantes agrupadas
manco	manco / manca / mancão / mancando / manquitolando / manquitório
coxo	coxo / coxa / coxé / coxéla / coxó/ coxolé
aleijado	aleijado / aleijadinho / aleijado da perna
deficiente	deficiente / deficiente físico / deficiente das pernas
capenga	capenga / capemba
outras	bianco / canhoto / catrojado / caxenga de uma perna / caximba / caxinga / caxingando / caxingó / coem / conhem / conchô / conchô da perna/ cotó / enarco / narfo da perna/ perna curta / perneta / perninha / puxa de uma perna / tá com defeito na perna / tem um desvio / troncho / vinte-nove-trinta
RP	não soube / não lembrou / item não obtido / pergunta não formulada / sem transcrição / sem áudio / áudio incompleto / áudio ruim / não respondeu

Fonte: elaborada pela autora

Na sequência, apresentamos a Carta diatópica de **manco** na Região Nordeste (cf. Figura 4)

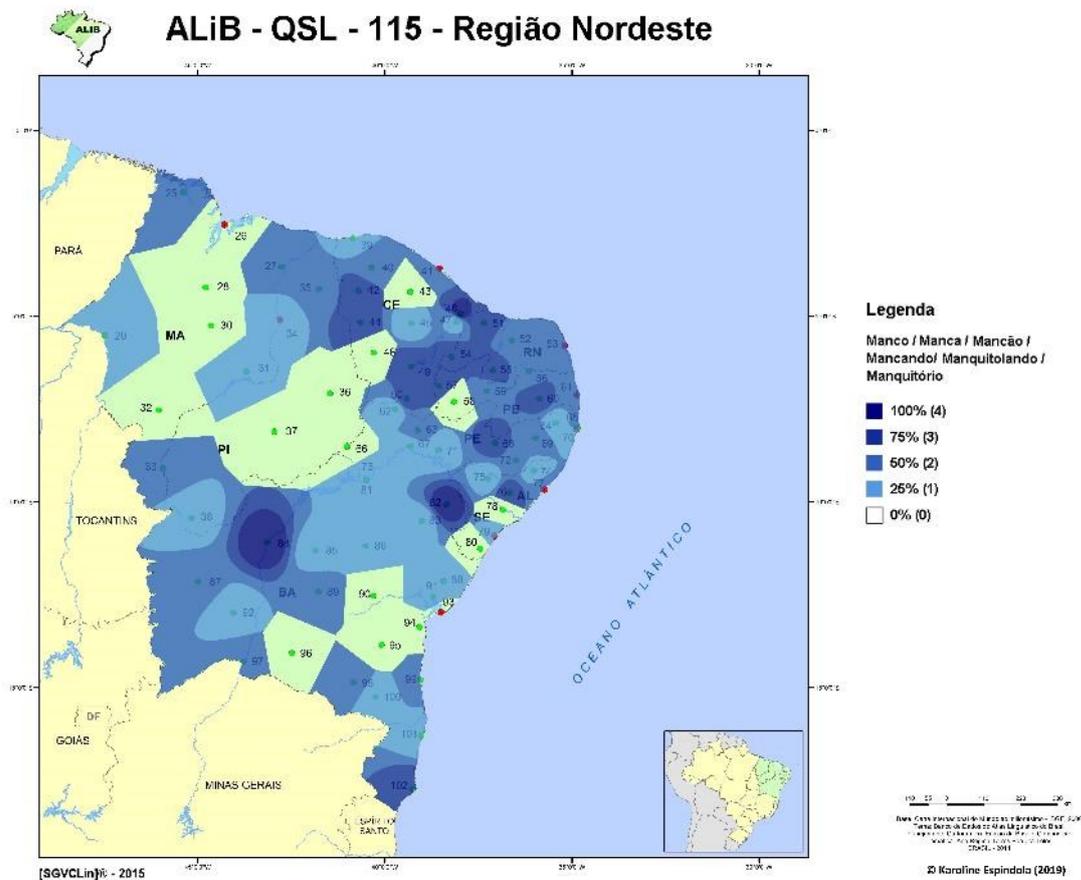
Figura 4 – Carta diatópica de *manco* na Região Nordeste



Fonte: elaborada pela autora

Como mostra a Carta diatópica de *manco* (Figura4), as variantes mais encontradas na região Nordeste foram *manco* com 33,33% de registros, *outras* e *coxo* empataram com 13,62% de ocorrências cada. Seguidas de *RP* com 13,04% de registros e *alejado* com 12,75%. Já *deficiente* e *capenga* foram as menos recorrentes com 8,70% e 4,93% de registros, respectivamente, totalizando 345 ocorrências registradas. Para uma análise mais detalhada da variante *manco*, temos a Carta por arealidade gradual (cf. Figura 5).

Figura 5 – Carta de arealidade gradual de **manco** na Região Nordeste



Fonte: elaborada pela autora

Analisando a Carta de arealidade gradual, fica visível que a variante *manco* predomina na Região Nordeste, sendo mais recorrente nos pontos 60 (Campina Grande – Paraíba), 68 (Arcoverde – Pernambuco), 82 (Jeremoabo – Bahia), 84 (Barra – Bahia), entre outros. Por outro lado, essa variante não foi citada nenhuma vez nos pontos 26 (São Luís – Maranhão), 28 (Bacabal – Maranhão), 30 (Tuntum – Maranhão), por motivos já relatados anteriormente, 32 (Balsas – Maranhão), 36 Picos – Piauí), 37 (Canto do Buriti – Piauí), 43 (Canindé – Ceará), 48 (Tauá – Ceará), 58 (Itaporanga – Paraíba), 66 (Afrânio – Pernambuco), 78 (Propriá – Sergipe), 80 (Estância – Sergipe), 90 (Itaberaba – Bahia), 93 (Salvador – Bahia), 94 (Valença – Bahia), 95 (Jequié – Bahia) e 96 (Caetité – Bahia). No entanto, em São Luís, apareceram apenas as variantes *deficiente* e *coxo*. Em Bacabal, apareceram *outras*, *aleijado* e *coxó*. Em Balsas, temos as variantes *outras*, *RP* e *coxó*. Em Picos, apareceram apenas *deficiente* e *coxo*. Já em Canto do Buriti, as mais recorrentes foram *RP*, *aleijado* e *coxo*. Em Canindé, *deficiente*, *outras* e *coxo*. Tauá, *coxo* e *deficiente*. Em Itaporanga, *aleijado*, *outras* e *RP*. Em

Afrânio, apareceram *aleijado*, *RP* e *coxo*. Em Propriá, *aleijado*, *deficiente* e *RP*. Estância, *aleijado*, *deficiente* e *outras*. Itaberaba, *capenga* e *RP*. Em Salvador e Valença, *aleijado* e *capenga*. Já em Jequié temos *RP*, *deficiente*, *outras* e *coxo*. E por fim, *RP*, *outras*, *aleijadinho* e *capenga* em Caetité.

A distribuição das variantes designativas da “pessoa que puxa de uma perna” (Questão 115 do QSL) por faixa etária é apresentada na Tabela 8.

Tabela 8 – Distribuição das variantes para **manco** por faixa etária na Região Nordeste

Variantes	Número de ocorrências - Faixa I		Número de ocorrências - Faixa II	
	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem
manco / manca / mancão / mancando / manquitolando / manquitório	59	35,12%	56	31,64%
RP	27	16,07%	18	10,17%
aleijado / aleijadinho / aleijado da perna	25	14,88%	19	10,73%
deficiente / deficiente físico / deficiente das pernas	19	11,31%	11	6,21%
outras	18	10,71%	29	16,38%
coxo / coxa / coxé / coxéla / coxó/ coxolé	13	7,74%	34	19,21%
capenga / capemba	7	4,17%	10	5,65%
Total	168		177	

Fonte: elaborada pela autora

Observando a Tabela 8, podemos perceber que as variantes em questão são um pouco mais conhecidas pelo público mais velho com 177 registros, contra 168 dos mais jovens. Em relação à variante *manco*, quase não houve diferença no número de ocorrências, mostrando que essa variante é recorrente tanto entre os mais jovens com 35,12% de registros, quanto entre os mais velhos com 31,64% de registros. Já em *respostas prejudicadas* (RP), o número é significativamente maior entre os mais jovens, com 16,07% de registros, contra 10,17% dos mais velhos. Em relação a *aleijado*, podemos perceber que é uma variante mais comum entre os jovens, com 14,88% de ocorrências, sendo que entre os mais velhos teve apenas 10,73% de registros. *Deficiente* também é mais comum entre os jovens, com 11,31% de registros, contra 6,21% entre os mais velhos. Já *outras*, *coxo* e *capenga*, com 16,38%, 19,21% e 5,65% de registros,

respectivamente, são mais comuns entre os mais velhos, contra 10,71%, 7,74% e 4,17% de registros entre os mais novos.

A distribuição das variantes designativas da “pessoa que puxa de uma perna” (Questão 115 do QSL) por sexo é apresentada na Tabela 9.

*Tabela 9 – Distribuição das variantes para **manco** por sexo na Região Nordeste*

Variantes	Número de ocorrências – Feminino		Número de ocorrências – Masculino	
	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem
manco / manca / mancão / mancando / manquitolando / manquitório	65	37,14%	50	29,41%
RP	22	12,57%	23	13,53%
aleijado / aleijadinho / aleijado da perna	23	13,14%	21	12,35%
deficiente / deficiente físico / deficiente das pernas	11	6,29%	19	11,18%
outras	25	14,29%	22	12,94%
coxo / coxa / coxé / coxéla / coxó/ coxolé	24	13,71%	23	13,53%
capenga / capemba	5	2,86%	12	7,06%
Total	175		170	

Fonte: elaborada pela autora

Em relação ao sexo dos informantes, observando a Tabela 9, podemos perceber que tanto as mulheres quanto os homens tiveram um número aproximado de respostas, sendo 175 respostas das mulheres e 170 respostas dos homens, totalizando 345 ocorrências. Sobre a variante mais recorrente, *manco*, as mulheres foram as que mais conheciam com 37,14% de ocorrências contra 29,41% dos homens. Já para *RP* (respostas prejudicadas), *aleijado*, *outras* e *coxo*, as respostas foram quase iguais, sendo, respectivamente, 12,57%, 13,14%, 14,29% e 13,71% para as mulheres e 13,53%, 12,35%, 12,94% e 13,53% para os homens. Já *deficiente* e *capenga* são variantes mais recorrentes entre os homens com 11,18% e 7,06% de registros, contra 6,29% e 2,86% entre as mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando as cartas diatópicas e de arealidade gradual, podemos perceber como as variantes para as perguntas 114 e 115 do QSL estão distribuídas pelo Nordeste do Brasil. Olhando de maneira geral os resultados obtidos, podemos perceber um predomínio da variante *aleijado* e *deficiente* para a Questão 114 e *manco* e *coxo* para a Questão 115.

Em relação às Cartas de arealidade gradual, vimos que a variante *aleijado* é bastante produtiva no Nordeste, sendo que em apenas 4 regiões essa variante não foi citada nenhuma vez. Já em relação à variante *manco*, apesar de não ter sido citada em 17 regiões, ainda assim constitui uma variante bastante produtiva em grande parte do Nordeste.

Quanto à influência das dimensões diastráticas (faixa etária e sexo/gênero), vimos que, para a Questão 114, *aleijado* e *deficiente* são variantes mais faladas pelos mais jovens. Além disso, com o baixo número de registros da variante *coxo* entre os mais jovens, fica claro que essa é uma variante mais comum entre os mais velhos. Já sobre a dimensão diasssexual, vimos que as variantes *aleijado*, *deficiente* e *outras* são mais conhecidas entre os homens.

Para a Questão 115, podemos perceber que, em relação à variante *manco*, quase não houve diferença no número de ocorrências, mostrando que essa variante é recorrente tanto entre os mais jovens quanto entre os mais velhos. Já *outras*, *coxo* e *capenga* são mais comuns entre os mais velhos. Quanto à dimensão diasssexual, podemos perceber que tanto as mulheres quanto os homens tiveram um percentual aproximado. Sobre a variante mais recorrente, *manco*, as mulheres foram as que mais a conheciam. Já para *coxo*, as respostas foram quase iguais entre as mulheres os homens.

Com esses resultados, cremos ter cumprido os objetivos deste estudo, entre os quais o de colaborar para ajudar a descrever a realidade linguística do Brasil no que diz respeito às diferenças lexicais, considerando a perspectiva da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1996; CARDOSO, 2010, p. 218). Além disso, com este trabalho, será possível que os estudiosos da língua portuguesa tenham mais apoio e recursos para interpretarem melhor as variedades dialetais existentes no Brasil. Também será possível identificar os processos de variação e mudança, bem como registrar os fenômenos linguísticos e assim melhor conhecer nossa língua materna.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Sílvia F. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Dialectologia: Trilhas seguidas, caminhos a perseguir*. Salvador: D.E.L.T.A., 17: Especial, 2001, p. 25-44.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?*. GELNE: Grupo de estudos linguísticos do Nordeste, v. 4, n. 2, 2002.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editora, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil/ Suzana Alice Marcelino Cardoso; Jacyra Andrade Mota; Marcela Moura Torres Paim; Silvana Soares Costa Ribeiro (orgs.)*. Salvador: Vento Leste, 2013.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas Linguístico do Brasil: introdução*. 1. ed. Londrina - PR: Editora da Universidade Estadual de Londrina - UEL, 2014a. v. 1. 210p
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1*. 1. ed. Londrina - PR: Editora da Universidade Estadual de Londrina - UEL, 2014b. v. 1. 367p
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Para conhecer sociolinguística* (Coleção para conhecer linguística), São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994, p. 11-21.
- MARGOTTI, Felício Wessling. *A perspectiva da Geolinguística Pluridimensional*. Anais do Colóquio Nacional Letras em Diálogo e em Contexto: Rumos e Desafios. Instituto de Letras. UFRGS, 2002.
- RAZKY, Abdelhak. *A Dimensão Sociodialetal do Léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. SIGNUM: Estud. Ling, Londrina, n. 16/2, p. 247 – 270, dez. 2013.
- SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. 2014. [SGVCLin] - *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas*. Versão 1.1. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.
- PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/>>. Acesso em: 20 maio 2019.